REVISTA

OVELHA

ASSOCIAÇÃO DE CRIADORES DE OVINOS DO SUL

OVIBEJA 2002 A CAMINHO



"MUDANÇAS E INCERTEZAS NO SECTOR AGRÍCOLA"

TRIMESTRAL - ANO XIV - Nº48 - Out./Nov./Dez. 2001 ISSN 0805356

Sumário

"Não tenho dúvida que a primeira açordinha que comi foi feita com pão alentejano. É um alimento que foi sacralizado; e para mim é mesmo um alimento sagrado. Aprendi a dar-lhe um beijo antes de o deitar fora quando está muito duro."

Maria de Lurdes Modesto in D.N.

Revista

OVELHA

N.º 48 - Trimestral - Ano XIV -
Out./Nov./Dez. 2001

Revista da Associação de Criadores de Ovinos do Sul - A.C.O.S.

Director
Dr. Luís Filipe Sobral

Secretária da Redacção
Manuela Realista

Departamento de Relações Públicas
Filomena Maltez

Colaboração
Dr. Arlindo Cunha
Carlos Júlio
Júlia Alhinho
Dr. José António Matos Vieira Leite
Engº Rui Jorge Vieira Dantas
ADS/OPP Beja

Fotografia
António Carrapato
Pedro Sobral
Rui Clérigo

Redacção, Administração e Publicidade - A.C.O.S.
Rua Cidade de S. Paulo
Apartado 296
7801-904 BEJA
Tel.: 284 310 350
Fax: 284 323 439
E-mail: acos@mail.telepac.pt

Criação e Produção Gráfica
Video in, Logo & art design
Tel.: 21 423 92 11
Fax: 21 421 00 90
E-mail: videoin@esoterica.pt
www.videoin.pt

(Todos os artigos são da exclusiva responsabilidade dos autores; tudo o que compõe a Revista pode ser reproduzido desde que a proveniência seja indicada.)



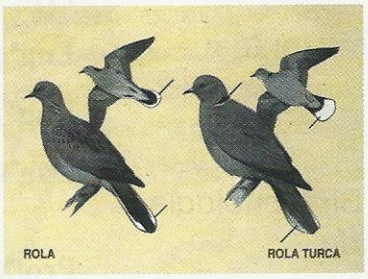
6



8



21



37

5 Editorial

6 Mudanças e Incertezas no Sector Agrícola

8 18ª Ovibeja
Mais um serviço prestado pelos agricultores ao País

Prova de Fogo

A Ovibeja a unir Regiões

16 Febre Aftosa
Informação ADS/OPP Beja

21 Raça Bovina Barrosã
Crónica Zootécnica

25 Informação
Culturas Arvenses
A Fileira da Lã
Bem Estar dos Animais
Doença de Aujesky
Reidentificação de Bovinos

37 Espécies Cinegéticas
A Rola

A ACOS
DESEJA
BOAS FESTAS
A TODOS OS
ASSOCIADOS
E COLABORADORES

A Raça Bovina Barrosã

CRÓNICA ZOOTÉCNICA

Nos verdes prados do Noroeste de Portugal habita a mais bela raça bovina - A Raça Barrosã -, de cor palha e corpulência meã, distingue-se de todas as outras pela lira alta da sua cornamenta, a sua harmonia de formas e pela carne tenra, suculenta e saborosa que produz, sendo a referência emblemática da bovinicultura portuguesa.

Foi no século XIX manjar de Reis e fidalgos Ingleses e é hoje, mercê do tradicional método de criação e do moderno e rigoroso controlo com que é seleccionada, um prato disponível e recomendado a todos, tendo a sua carne Denominação de Origem Protegida, com designação "CARNE BARROSÃ-DOP".

Por ser oriunda do planalto do Barroso ficou-lhe com o nome, mas foi no Minho que se expandiu, substituindo quase completamente outra raça, a Galega, e chegou a atingir e povoar os concelhos da Maia e Porto.

Este foi o período áureo da raça que coincidiu com a segunda metade do século XIX, fazendo-se a exportação destes animais para Inglaterra.

Alguns autores referem a existência, no Norte de África (Vale do Nilo), de animais com caraterísticas morfológicas semelhantes à actual raça Barrosã, em especial no que se refere à forma, tamanho e espessura dos cornos. Neste contexto, poderá admitir-se que o gado que corresponde a este grupo se tenha instalado na Península Ibérica, provavelmente durante a longa ocupação Moura.

Posteriormente, a raça Barrosã terá sido desalojada pelos troncos ibérico e aquitânico, restando apenas um núcleo populacional confinado às zonas planálticas do Barroso e às serras minhotas, onde permaneceu até hoje.

A raça apresenta aspectos morfológicos e histórico-evolutivos muito peculiares, sendo ainda hoje difícil proceder ao seu enquadramento no seio das restantes raças bovinas ibéricas. O aprofundamento da investigação sobre a estrutura genética das populações poderá ser, assim, uma via para o esclarecimento das muitas questões que permanecem por responder.



Evolução do efectivo da raça Barrosã desde 1870

Distritos	1870 [a]		1926 [b]		1940 [c]	1959 [d]		1976 [d]		1999 [e]	
	M	F	M	F	Total	M	F	M	F	M	F
Braga	31 121	15 724	33 062	41 699	98 694	29 601	67 376	18 019	49 409	183	2 820
Porto	43 176	99 946	52 245	26 908	35 446	14 450	5 994	865	1 285	2	13
Viana do Castelo	17 767	14 199	17 736	38 590	72 289	9 799	43 297	6 194	34 005	80	2 769
Vila Real	10 237	14 632	-	-	17 633	1 220	10 290	570	4 010	168	1 361
Total	**102 301**	**144 501**	**103 043**	**107 167**	**224 062**	**55 070**	**126 957**	**25 648**	**88 709**	**433**	**6 963**

Fontes: [a] - Silvestre Bernardo Lima (1873); [b] - Amorim (1928); [c] - Dir. Geral dos Serviços Pecuários (1940); [d] - Garcia *et. al.* (1981); [e] - AMIBA (1999) - animais registados no Livro Genealógico.

De duas centenas de milhar a sete escassos milhares na actualidade, já Silvestre Bernardo Lima em 1873 referia a inexorável diminuição do efectivo desta raça. Os factores deste recuo foram a expansão da cultura de batata de semente e consequente exigência de trabalho animal para arroteamento de terrenos incultos, a melhor condição dinamófora da raça Mirandesa e a sua melhor e maior precocidade e estatura. Concomitantemente com a Mirandesa foi-se infiltrando no Barroso uma outra raça menos corpulenta, a Maronesa, proveniente dos concelhos vizinhos. No Minho a sua substituição foi feita pelas raças leiteiras Galega e Turina.

Actualmente verifica-se uma tendência para a estabilização do efectivo desta raça em valores próximos das sete mil fêmeas. Este número só será possível manter com a continuação das medidas de apoio aos criadores, compensando-os, não só pelo menor rendimento obtido com a criação desta raça, mas também premiando-o pelo seu inestimável contributo para a manutenção dos ecossistemas rurais e de montanha e para a permanência das populações nas aldeias quase abandonadas do interior.

Padrão da Raça

Raça de animais muito dóceis, com grande desenvolvimento do terço anterior, o que lhes dava aptidões óptimas para o trabalho e de muito fácil ensino. O dimorfismo sexual é acentuado, destacando-se nos machos o terço anterior mais escuro e nos neutros, ou castrados, a portentosa armação córnea que chega a atingir mais de dois metros de envergadura.

Cabeça: curta e larga, encimada por forte cornamenta em lira. Fronte quadrada, deprimida ao centro, com pronunciada saliência da região orbitária. Focinho negro, largo, um pouco grosso, tendendo para o arrebitado. Conjunto ocular saliente. Chifres muito desenvolvidos em comprimento e espessura, de cor branco-sujo, com pontas escuras. Secção aproximadamente elíptica. Orelhas de tamanho médio, orladas de pêlos quase sempre escuros.

Pescoço: curto, bem ligado á cabeça e à espádua. Barbela muito desenvolvida, pendente sob a garganta, decota-se na origem do pescoço para depois cair largamente no peito, aproximando-se dos joelhos.



Tronco: cernelha larga e pouco saliente com o costado bem arqueado e peito largo e descido. A região dorso-lombar é medianamente comprida; larga e horizontal; bem ligada à garupa, com ventre pouco volumoso. A garupa é horizontal, larga e comprida, por vezes mais larga que comprida, com boa largura isquiática. As nádegas são largas, descidas, sub-convexas, com coxas regularmente largas e musculadas, tendo a cauda inserção média, terminada por regular borla de pêlos, em regra escuros.

Sistema mamário: úbere de tamanho médio, bem proporcionado e com boa implantação, estando revestido de pêlos mais claros espessos e compridos.

Extremidades e aprumos: membros de extremidades livres poucos desenvolvidas, bem aprumados, pouco ossudos, terminando por unhas escuras, rijas, pequenas e arredondadas.

Pele pêlo e mucosas: pele bastante grossa mas macia, formando rugas, principalmente no pescoço. Pêlos muito curtos e finos, observando-se pêlos mais desenvolvidos no pavilhão auricular e na borla da cauda que é escura. As mucosas das aberturas naturais são escuras.

Cor: pelagem castanho-claro tendendo para o cor de palha ou para o acerejado, sendo esta tonalidade mais frequente no Minho. A zona palpebral, a orla envolvente do focinho, a face interna dos membros e a região mamária são mais claras, nunca atingindo o branco. Os neutros ou castrados apresentam a pelagem mais clara, sem o afuscamento por vezes existentes nas vacas e que é regra nos touros.

Formato: são animais muito armoniosos e belos, com temperamento muito dócil.

Medidas Biométricas	Fêmeas (cm)	Machos (cm)
Altura ao garrote	121,39	134,22
Altura ao peito	65,57	80,38
Comprimento escápulo-isquial	146,70	166,46
Comprimento da garupa	46,35	55,53
Largura do peito	37,04	53,02
Largura biilíaca	49,04	54,27
Perímetro torácico	178,43	213,74
Perímetro abdominal	188,87	214,81
Peso vivo (Kg)	418,10	701,04

AMIBA - Associação dos Criadores de Bovinos de Raça Barrosã (1999)

Área Geográfica

A origem da raça perde-se na bruma dos tempos, partindo do interior Norte de Portugal, expandiu-se de tal forma que, descendo o anfiteatro minhoto, chegou a ocupar os concelhos do litoral até ao Porto.

Hoje verifica-se um retorno às origens, sendo os limites da raça os concelhos de Amares, Braga, Cabeçeiras de Basto, Celorico de Basto, Fafe, Guimarães, Póvoa do Lanhoso, Terras de Bouro, Vieira do Minho e Vila Verde, do distrito de Braga; os concelhos de Arcos de Valdevez, Melgaço, Monção, Paredes de Coura, Ponte da Barca, Ponte de Lima e Valença, do distrito de Viana do Castelo os concelhos de Montalegre e Boticas, no distrito de Vial Real e os concelhos de Felgueiras e Paços de Ferreira, do distrito do Porto.

Esta raça considerada como estando em vias de extinção, isto é, com menos de 7.500 animais em produção, denota uma estabilização dos efectivos devido principalmente aos prémios pagos à produção nomeadamente às medidas Agro-Ambientais, indemnizações compensatórias e prémio às vacas aleitantes.



Sistema de exploração

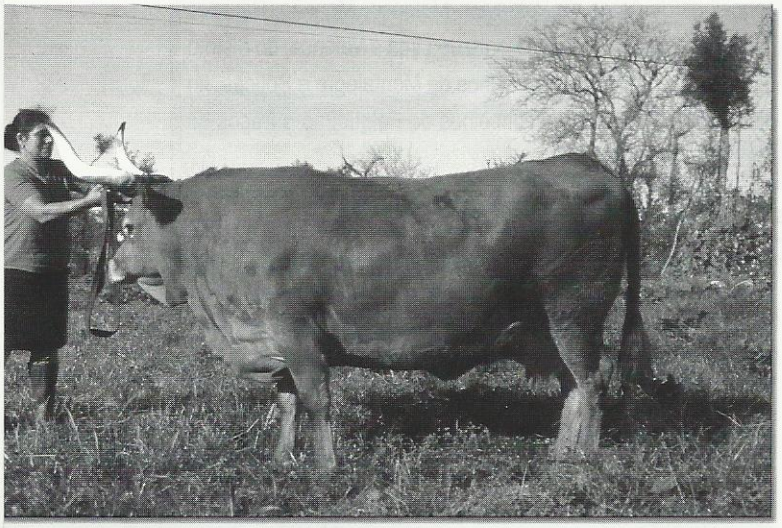
As raças bovinas autóctones desempenham um papel de extrema importância na nossa agricultura, nomeadamente para os agricultores de montanha, pois só assim conseguem trabalhar as suas pequeníssimas leiras, obter estrume para a adubação das suas terras, e valorizar os seus recursos alimentares disponíveis (carqueja, tojo, etc.).

Para além do aproveitamento dos pastos próprios, verifica-se em toda a zona de produção uma elevada utilização de baldios, pelos próprios condicionantes do sistema produtivo e da estrutura fundiária da propriedade. O sistema alimentar, caracteriza-se pela utilização de forragens verdes e conservadas (erva, palha e feno), utilizando-se como suplemento o milho (farinha), o centeio e a batata.

A sua grande variabilidade genética é fruto deste tipo de exploração de minifúndio em que o posto de cobrição natural é uma referência para esta raça. Está a fazer-se um esforço para aumentar o número de touros dadores de sémen para reduzir os riscos de consanguinidade.

É uma raça conhecida pela sua dupla função trabalho e carne, mas é nesta última que terá de ter a garantia do seu futuro. Assim, a "CARNE BARROSÃ", com Denominação de Origem Protegida (DOP), iniciou a comercialização em finais de 1996 com enorme êxito comercial, abatendo cerca de trinta por

cento dos vitelos nascidos e registados no Livro Genealógico /Registo Zootécnico.



Desenvolvimento e Melhoramento

A Direcção Regional de Agricultura de Entre Douro e Minho (DRAEDM), em colaboração com a Direcção Geral de Pecuária (DGP), deu início, em 1981, aos trabalhos do Registo Zootécnico. Mais tarde, em Março de 1993, foi firmado um protocolo de transferência para a Associação dos Criadores de Bovinos de Raça Barrosã (AMIBA) do referido Registo Zootécnico/Livro Genealógico.

A AMIBA, com sede em Nogueira - Braga, tem actualmente 2.134 associados e como finalidade a defesa dos interesses dos criadores no que se relaciona com a preservação, melhoramento, criação e comercialização dos bovinos de Raça Barrosã.

É responsável pela identificação, ao nascimento, de todos os vitelos filhos de pais inscritos, controlando os postos de cobrição natural e a inseminação artificial. É có-responsável, a par da Estação Regional de Produção Animal da DRAEDM (S. Torcato - Guimarães), pela testagem e recria de reprodutores machos que depois e avaliados em testes de *progeny* e performance, são escolhidos os melhores para colheita de sémen, e para postos de cobrição natural.

Em 1994 foi criado o Agrupamento de Produtores "CARNE BARROSÃ - DOP" e publicada em Diário da República a portaria que permite a utilização da Denominação de Origem Protegida Pela Cooperativa Agrícola de Boticas - CAPOLIB, que possui actualmente 1.720 aderentes, sendo o seu objectivo principal a garantia do escoamento da produção, assegurando a entrega do produto e a eliminação de intermediários que diminuem significativamente o rendimento dos produtores. ❖

José António Matos Vieira Leite
(Secretário Técnico da Raça Bovina Barrosã) - *Médico Veterinário*
Rui Jorge Vieira Dantas - *Engenheiro Zootécnico*

